

ACTAS
PROCEEDINGS

ENCONTRO PORTUGAL-GALIZA
MOSAICOS ROMANOS

FRAGMENTOS DE CULTURA NAS PROXIMIDADES DO ATLÂNTICO
6 E 7 DE JULHO DE 2013

MUSEU DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL, Penela
MUSEU D. DIOGO DE SOUSA, Braga
MUSEO PROVINCIAL DE LUGO, Galicia

Escritura Pública de Constituição da Associação Portuguesa para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo, a 23 de Maio de 2006

Diário da República, 2ª Série - nº 150, de 4 de Agosto de 2006 - Parte Especial

Cartão de Identificação de Pessoa Colectiva, nº 507714229

Endereço, Rua Francisco de Lemos, 5, 3150 - 142 Condeixa-a-Nova, Portugal

Teve lugar a 23 de Maio de 2006, em Lisboa, pelas 15 horas, no Cartório Notarial da Avenida 5 de Outubro, sito no nº 52, 1º eq., a escritura pública de constituição da Associação Portuguesa para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo (APECMA), secção portuguesa da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA - Journal Officiel, 7 novembre, Paris 1964, p. 10000), à semelhança das suas congéneres do Reino Unido (ASPROM - Association for the Study and Preservation of Roman Mosaics / York 16 December 1979), América do Norte (NABAIEMA - North American Branch of AIEMA), Tunísia (CMTEMA - Comité Tunisien par l'Étude de la Mosaïque Antique), França e Bélgica (AFEMA - Association Francophone par l'Étude de la Mosaïque Antique), Espanha (AEEMA - Asociación Española para el Estudio del Mosaico Antiguo), Itália (AISCOM - Associazione per lo Studio e la Conservazione del Mosaico Antico) e Turquia (AIEMA - Turkey-2006).

A Associação Portuguesa para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo (APECMA) é uma associação cultural sem fins lucrativos, de duração indeterminada, que tem por fim a promoção de uma acção cultural constante, tendo em conta a existência de mosaicos romanos em Portugal.

Para o prosseguimento daquele fim a APECMA deverá:

- a) Dinamizar o conhecimento e o valor patrimonial dos mosaicos romanos junto do público em geral, através do fomento do estudo, conservação, preservação, valorização e divulgação destes documentos e dos materiais que lhe estão associados;
- b) Estimular a permuta de conhecimentos através de reuniões entre representantes de organizações não governamentais, departamentos oficiais, autoridades e indivíduos;
- c) Promover, suportar e assistir à recolha destes bens culturais e tudo fazer no sentido de alcançar a publicação dos resultados destas acções;
- d) Coligir, divulgar e trocar informações entre pessoas com os mesmos objectivos, quer no país, quer além-fronteiras;
- e) Reunir trabalhos, publicando-os e colocando-os em circulação, quer sejam desdobráveis, brochuras, livros, periódicos, revistas ou outra documentação que demonstrem promover os objectivos propostos;
- f) Reunir fundos, solicitar e receber contributos de pessoas e instituições, fora de interesses comerciais que não se enquadram com os objectivos desta associação;
- g) Colocar estes valores patrimoniais ao serviço das comunidades dos territórios onde estão inseridos;
- h) Tomar todas as legítimas iniciativas, necessárias para alcançar os objectivos desta Associação.

ENCONTRO PORTUGAL – GALIZA MOSAICOS ROMANOS

FRAGMENTOS DE CULTURA NAS PROXIMIDADES DO ATLÂNTICO

6 E 7 DE JULHO DE 2013

Museu da Villa Romana do Rabaçal, Penela

Museu D. Diogo de Sousa, Braga

Museo Provincial de Lugo



ACTAS / PROCEEDINGS



ÍNDICE

| | |
|-----------------|----|
| ABERTURA..... | 6 |
| OPENING | 8 |
| OUVERTURE | 10 |

SESSÃO 1 - MUSEU DA *VILLA ROMANA DO RABAÇAL*, PENELA, BEIRA LITORAL - MANHÃ DE 6 DE JULHO DE 2013

Moderador: JUSTINO MACIEL (Docente da Universidade Nova de Lisboa IHA-FCSH-UNL)

JUSTINO MACIEL

| | |
|---|-----------|
| Da romanização à cristianização - O mosaico na Lusitânia e Galécia | 14 |
|---|-----------|

VIRGÍLIO LOPES (CAM-APECMA-AIEMA)

| | |
|--|-----------|
| Os Mosaicos nas cidades portuárias hispânicas na Antiguidade Tardia | 19 |
|--|-----------|

FILOMENA LIMÃO (E/IHA/FCSH/UNL); LÍDIA CATARINO (DCT/UC); MIGUEL PESSOA (MVRR/CMP/RPM-MMC/DGPC/IHA/FCSH/UNL-APECMA-AIEMA)

| | |
|---|-----------|
| <i>Pars urbana</i> da <i>Villa romana do Rabaçal</i>, Penela: A relação entre o programa decorativo dos pavimentos de mosaico, os revestimentos parietais e respectivos materiais..... | 33 |
|---|-----------|

JOSÉ GONÇALVES (CMCSC)

| | |
|---|-----------|
| Conservação de mosaicos antigos e Planos de Salvaguarda..... | 51 |
|---|-----------|

ANA RAVARA MENDES; BÉATRICE PRADILLON-MARQUES; SÓNIA VICENTE; DORA FREIRE; RAQUEL EMILIANO; MARIA LEONOR OLIVEIRA; NADINE PADAMO; LAURE BELLION; SABRINA PEREIRA; LOUISE HERMAND; CYNTHIA LOUX (MVRR, ETP-S/AAVRR, DCR/UNL, BENECI)

| | |
|--|-----------|
| Conservação de Mosaicos <i>in situ</i> na <i>Villa Romana do Rabaçal</i> – Campanha de Julho de 2012. Uma experiência de voluntariado e de entreaajuda internacional..... | 59 |
|--|-----------|

LUÍS CAMPOS RIBEIRO (IEM/FCSH/UNL)

| | |
|--|-----------|
| Contributo para uma visão global dos pavimentos de mosaico da <i>Villa romana de Santiago da Guarda</i>, Ansião | 71 |
|--|-----------|

CARLOS TAVARES DA SILVA (MAEDS); JOAQUINA SOARES (MAEDS); LICÍNIA NUNES CORREIA WRENCH (IHA/FCSH/UNL-AIEMA)

| | |
|--|-----------|
| Mosaicos romanos de Setúbal – Exemplo da excelência da arte musiva urbana na periferia do mundo romano ocidental..... | 92 |
|--|-----------|

BERNARD PARZYSZ (UO/LDAR-UP-D/AIEMA); MIGUEL PESSOA (MVRR/CMP-MMC/DGPC- IHA/FCSH/UNL-APECMA-AIEMA)

| | |
|--|------------|
| Le décor géométrique de l'<i>oecus</i> de la <i>Villa</i> de Rabaçal..... | 106 |
|--|------------|

| | |
|---|-----|
| JORGE ANTÓNIO (CMAC) | |
| Casa de Medusa (Alter do Chão) | 129 |

SESSÃO 2 - MUSEU D. DIOGO DE SOUSA, BRAGA, MINHO - TARDE DE 6 DE JULHO DE 2013

Moderador: MARIA ISABEL CUNHA E SILVA (Directora do Museu D. Diogo de Sousa)

| | |
|---|-----|
| FÁTIMA ABRAÇOS (IHA/FCSH/UNL-APECMA-AIEMA) | |
| Os mosaicos romanos de <i>Bracara Augusta</i>. Itinerários de divulgação | 134 |

| | |
|---|-----|
| MARIA DE JESUS DURAN KREMER (IHA/FCSH/UNL-APECMA-AIEMA) | |
| Motivos e estilos em mosaicos da Lusitânia e da <i>Gallaecia</i> | 150 |

| | |
|--|-----|
| PEDRO SALES (ICCM) | |
| Mosaicos romanos em Portugal – Da transposição à conservação <i>in situ</i> | 163 |

| | |
|--|-----|
| LUÍS FONTES; FRANCISCO ANDRADE (UAUM/UMINHO) | |
| Mosaicos de Dume (Braga) | 179 |

| | |
|--|-----|
| MELISSA LÉGIER (AIAP) | |
| Les mosaïques de Coriscada, Vale de Mouro, Meda, Portugal | 187 |

SESSÃO 3 - MUSEO PROVINCIAL DE LUGO, GALICIA - MANHÃ DE 7 DE JULHO DE 2013

Moderador: MERCEDES TORRES (Docente da Universidade de Santiago de Compostela FXH-USC)

| | |
|--|-----|
| MERCEDES TORRES | |
| Mosaicos romanos de Galicia | 196 |

| | |
|--|-----|
| ENRIQUE GONZÁLEZ FERNÁNDEZ (ACL) | |
| Los mosaicos de la <i>Domus Oceani</i> (Lugo) | 225 |

| | |
|---|-----|
| ENRIQUE J. ALCORTA IRASTORZA (AMPL); OFELIA CARNERO VÁZQUEZ (DAHMPL) | |
| Muestras musivarias romanas no Museo Provincial de Lugo. Algunhas observacións ao mosaico de Dédalo e Pasifae e Xeométrico | 248 |

| | |
|--|-----|
| ROSA BENAVIDES GARCÍA; MAR SOBRINO DEL RÍO (R.TC-R) | |
| Restauración de mosaicos romanos de la ciudad de Lugo | 266 |

| | |
|--|-----|
| FERNANDO REGUERAS GRANDE (V) Mosaicos romanos del <i>Conventus Asturum</i> -Estado de la cuestión y encrucijada Patrimonial | 279 |
| PATRICIA VALLE ABAD (LHyGyMPP-UV) Puesta en valor de los mosaicos romanos de Galicia: una propuesta de catalogación | 305 |
| SILVIA GONZÁLEZ SOUTELO (DHAG-UV); PILAR FERNÁNDEZ PINTOS (EA-DOA) Los pavimentos romanos de teselas cerámicas - El ejemplo del yacimiento de "O Campón" (Burela, Lugo) | 322 |
| BERNARD PARZYSZ (UO/LDAR-UP-D/AIEMA) Um panneau de mosaïque de Lugo – Composition géométrique et mise em place du décor | 330 |
| MERCEDES TORRES (FXH-USC) A propósito del análisis de la estructura geométrica de la decoración del mosaico de la antesala del <i>Oecus</i> de la "Domus Oceani" de Lugo | 336 |
| VARIA - NOTÍCIAS | |
| CETTY MUSCOLINO (Museo Nazionale di Ravenna) Mosaici pavimentali tardo antichi fra iconografia e conservazione | 340 |
| PEDRO SALES (ICCM) <i>Villa</i> romana de Santiago da Guarda, Ansião. Menção honrosa da Associação Portuguesa de Museologia | 355 |
| SÓNIA VICENTE; FLÁVIO SIMÕES Mosaicos da <i>Villa</i> romana de São Simão, Penela, Portugal. Novos achados | 356 |
| COMISSÃO CIENTIFICA | 361 |
| COMISSÃO ORGANIZADORA | 361 |
| COMISSÃO DE APOIO | 362 |
| ABREVIATURAS | 362 |
| FICHA TÉCNICA | 363 |

- TOMÁS BOTELLA, V. (2009), "Restauración arqueológica e limpeza da vexetación no castro de Alobre", *Actuacións Arqueolóxicas. Ano 2007*, Xunta de Galicia, 19-20.
- TORRES CARRO, M. (1990 a), "Iconografía Marina", en: *Mosaicos Romanos. Estudios sobre iconografía. Actas del homenaje in Memoriam de Alberto Balil Illana que tuvo lugar en el Museo de Guadalajara los días 27 y 28 de Abril de 1990*, Guadalajara, 107- 134.
- TORRES CARRO, M. (1990 b), "Los mosaicos de la Meseta Norte", *BSAA*, LVI, 223-243.
- TORRES CARRO, M. (1999), "Os galegos na época romana: os mosaicos", en: *Actas do V Congreso Internacional de estudos Galegos. Universidade de Tréveris, 8-11 outubro de 1997*, Trier, 501-508.
- TORRES CARRO, M. (2005), "Nuevos mosaicos romanos del N.O. de la Península Ibérica", en: *La mosaïque gréco-romaine*, vol. IX, Collection de l' École Française de Rome, nº 352, 477-488.
- TORRES CARRO, M. (2005), "Mosaico", en: *Gran Enciclopedia Galega Silverio Cañada*, vol. XXX, Lugo: El Progreso-Diario de Pontevedra, 254- 256.
- TRAPERO PARDO, J. (1960), "Hallazgos en las obras de la Plaza de Santa María de Lugo", *BCPML*, VII, nº 53-56, 95-98.
- VÁZQUEZ DE PARGA, L. (1948), "Nuevos restos romanos en Lugo", *BCPML*, III, nº 27-28, 133-140, fig. 9.
- VÁZQUEZ SEIJAS, M. (1950), "Restos de un mosaico romano", *BCPML*, IV, 137-138.
- VÁZQUEZ SEIJAS, M. (1964), "Piscina romana. Plaza de Santa María de Lugo", *BCPML*, VII, nº 61-62, 272-277 (con dibujos y fotos).
- VÁZQUEZ URTIAGA, J. A. (1978), "Novos restos romanos en Parada de Outeiro (A Limia, Ourense)", *Boletín Auriense*, VIII, 327-331.
- VIDAL RODRÍGUEZ, J. (19/1/1979), "¿Termas romanas en Roupar?", *El Progreso*, Lugo, 8.
- VIDAL RODRÍGUEZ, J. (1987-1988), "Villas romanas en Terra Cha", *Revista de Guimarães*, XCVII-XCVIII, 342-351.
- VILLAAMIL Y CASTRO, J. (1896), *La muralla y otras antigüedades*, Lugo, 23.
- VILLAR QUINTERO, R. (2008) "Intervención arqueológica valorativa na Rúa Tomás Mirambel nº 8. Panxón. Nigrán", *Actuacións arqueolóxicas. Ano 2006*, Consellería de Cultura e Deporte. Xunta de Galicia, 157-158 y 159-160.
- VILLAR QUINTERO, R., y N. VILLACIEROS ROBINEAU (2010), "Castro de Panxón (Nigrán, Pontevedra). Nuevos datos y evaluación de su estado actual", *Gallaecia*, 29, 137-144.

LOS MOSAICOS DE LA *DOMUS OCEANI* (LUGO)

ENRIQUE GONZÁLEZ FERNÁNDEZ

Servizo Municipal de Arqueoloxía de Lugo

RESUMEN

El conjunto arqueológico de la denominada *Domus Oceani*, destaca por ofrecer uno de los ejemplos más completos de arquitectura doméstica detectada hasta el momento en la ciudad de *Lucus Augusti* (Lugo). La *domus* ocupaba gran parte de una ínsula próxima al foro, con fachadas a las dos calles principales de la ciudad, el *cardo* y el *decumanus maximus*. Conocemos algunas de las estancias más importantes de esta gran *domus*, que estaría presidida por una gran sala de recepción u *oecus*, pavimentada con mosaicos, flanqueada por dos patios porticados.

Pero la relevancia de este complejo arquitectónico reside sobre todo, en la riqueza de su programa decorativo y ornamental, presente en los pavimentos y paredes de sus estancias, que contribuyen a acentuar la suntuosidad de este edificio. Con relación a los mosaicos debemos destacar el excelente conjunto de las salas del *oecus* y su antesala. El primero de ellos, del cual formaría parte el célebre mosaico de Batitales, descubierto en esta misma calle en 1842, con una decoración de temática marina presidida por la cabeza del dios Océano, pavimenta una gran sala hipóstila de unos 150 m². El mosaico se organiza en un conjunto de bandas y cenefas decorativas de temática geométrica y figurativa, que enmarcan sucesivamente un cuadro figurado central, del cual desconocemos su temática, resaltando la función triclinar de la sala. El mosaico que pavimenta la antesala o vestíbulo que precede al *oecus*, presenta una composición ortogonal con motivos geométricos de círculos y cuadrados, flanqueando un emblema central con una escena de caballos.

Cronológicamente todo el conjunto cabe situarlo en una fecha entre finales del s III y principios del s. IV d. C.

Palabras Clave: *Lucus Augusti*, *Domus Oceani*, Batitales, mosaico, *oecus*, Océano

1. INTRODUCCIÓN

La denominada Casa de Océano o *Domus Oceani*, objeto de nuestro estudio, fue excavada en diferentes fases, a lo largo de los años 1999-2001, en los que se acometieron la excavación del inmueble nº 20-22 de la calle Doutor Castro (Lugo) completadas posteriormente en el año 2002, con la intervención arqueológica realizada en la propia calle, con motivo de las obras de renovación de infraestructuras urbanas.

Como consecuencia de estas excavaciones se produjo el hallazgo de un importante conjunto arquitectónico, perteneciente a una gran *domus*, situada en una de las zonas céntricas de la antigua ciudad de *Lucus Augusti*. La casa ocuparía una gran parte de la ínsula situada en el lado suroccidental del foro, con fachada a los dos ejes viarios principales de la ciudad: el *cardo* y *decumanus maximus* (fig. 1).



Fig. 1. Situación de la *Domus Oceani* en la planimetría de *Lucus Augusti*.

Se pudieron documentar una serie de estancias articuladas alrededor de un pequeño patio o peristilo, algunas de las cuales se hallaban pavimentadas con bellos mosaicos, en un aceptable estado de conservación (fig. 2) (González Fernández 2005).

Los mosaicos recuperados, así como algunas muestras de pintura mural, se corresponden con la última fase de ocupación de la casa, la mejor conservada, datada a finales del siglo III o principios del siglo IV d.C., alcanzando su ocupación al menos hasta mediados del siglo V d.C.



Fig. 2. Planta parcial de la *domus* con interpretación de las estancias.

2. LOS MOSAICOS

2.1. LOS PRECEDENTES ARQUEOLÓGICOS: EL MOSAICO DE BATITALES

Con fecha del tres de septiembre de 1842 y, al parecer, con motivo de unas obras para la construcción de una red de alcantarillas en la entonces denominada calle de Batitales, se produjo el descubrimiento de un mosaico cuya existencia conocemos por representaciones de la época, así como por los fragmentos entonces rescatados y hoy en día depositados en el Museo Provincial de Lugo. De su hallazgo y excavación da cuenta un amplio Informe presentado a la Sociedad Económica de la provincia de Lugo por F.J. Armesto y A. E. Arnau (Armesto y Arnau 1843), que será objeto de continuas referencias por parte de la bibliografía posterior. No obstante, ya en el siglo XVIII, se habían descubierto restos de características semejantes al abrirse los cimientos de una de las casas colindantes por el lado sur, restos que pasaron casi desapercibidos para los cronistas de la época¹.

El motivo principal presenta una composición de tema marino presidida por la cabeza del dios Océano rodeado de peces, moluscos, crustáceos, flores de agua, así como cenefas geométricas de motivos variados (fig. 3). A su lado se extiende una alfombra geométrica en la que puede observarse una alternancia de círculos de sogueado con nudos de Salomón en el centro, rombos dentados y peltas con pequeños corazones como elementos de separación entre cada una de ellas, todo eso enmarcado por una cenefa de ovas. Ambos pavimentos, aunque relacionados, pertenecen a diferentes estancias, ya que se encuentran separados por los muros respectivos. El mosaico descubierto a mediados del siglo XIX, se extendía por una longitud de 21,72 m., de los cuales 12 m. conservaban parcialmente temas decorativos. Cabe destacar también la desaparición, en el momento de su descubrimiento, de un "esbelto y elegante ciervo saliendo a la carrera de una hoja de acanto", que pertenecía a la parte exterior de todo el conjunto, del cual también se podía ver "la parte anterior de un tigre en acción de saltar sobre una hoja de acanto", pero que no aparece reproducida en los dibujos².

¹ Los autores que recogen esta noticia presentan disparidad de criterios en cuanto al año exacto del primer descubrimiento. Así, Villamil y Castro lo coloca alrededor de 1786 citando a J. Cornide en carta datada en A Coruña el 3 de noviembre de 1786, publicada en el "Diario curioso, erudito, económico y comercial", nº 147 del 24 de noviembre de 1786 (Villamil y Castro 1890, 77); Vázquez Seijas en 1760 o 1762 (1939, 3) recogiendo la noticia seguramente de Balsa de la Vega (1914, 58); y por último, Teijeiro y Sanfiz alrededor de 1763 (1888, 40).

² Todos los autores que se ocupan del tema recogen esta noticia, pero presentan diferentes versiones en cuanto a la causa de su pérdida. Así, los mencionados autores del Informe de la Sociedad Económica aluden simplemente a "causas inevitables en el primer momento de un descubrimiento de esta especie" (Armesto y Arnau, 1843). Entre las causas que mencionan los susodichos autores, tal vez pueda considerarse la "piqueta de los albañiles al remover los escombros", según recoge Antonio Neira de Mosquera en su Memoria sobre el mosaico romano descubierto en la calle de Batitales de Lugo en 1842, remitido a la Real Academia de la Historia en escrito del 13 de abril de 1850 (Real Academia de la Historia. Catálogo e Índices. Sign.: CALU/9/7960/2 (2)). Otros autores mencionan explícitamente su destrucción al intentar extraerlo cuando "se ensayó adherirlo a un tablero de madera cubierto de una composición de materia resinosa" (Teijeiro y Sanfiz, 1888, 43).

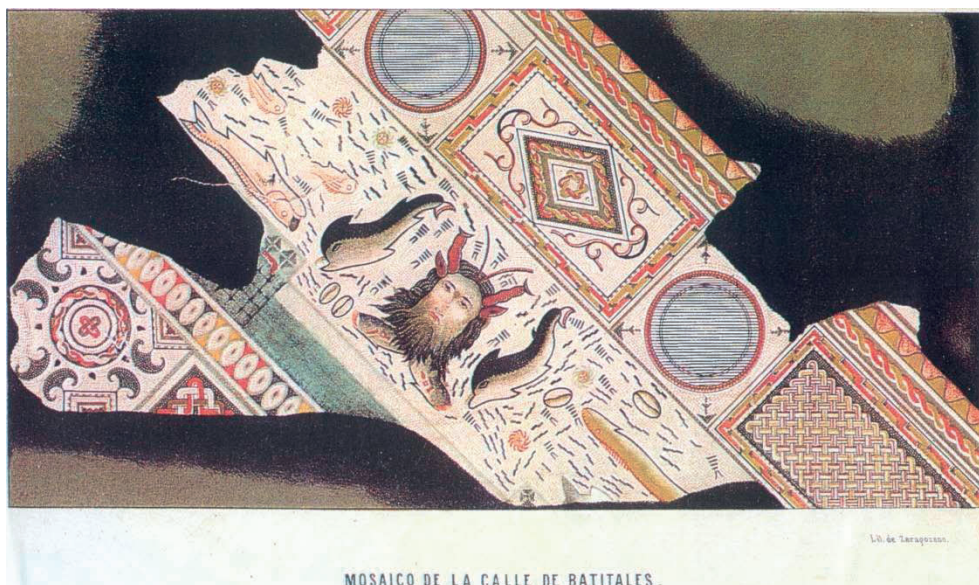


Fig. 3. Mosaico de Batitales según dibujo de Rada y Delgado (1872-1880).

A excepción de un pequeño fragmento perteneciente a la faja exterior que fue remitido por D. Antonio Neira de Mosquera a la Real Academia de la Historia³, el mosaico fue cubierto de nuevo y enterrado, al parecer bajo unas losas que ocasionalmente permitían verlo⁴.

Una parte del mismo mosaico también se podía ver en la casa del licenciado en farmacia, D. Enrique Rodríguez Garrido, situada al lado del lugar donde se produjo el primer hallazgo. De los fragmentos conservados en casa del Sr. Rodríguez, existe una copia en color remitida en su día a la Real Academia de la Historia por Antonio Neira de Mosquera junto con el fragmento de mosaico que acabamos de mencionar⁵ (fig. 4). Estos mismos fragmentos serían recuperados en 1950 por Vázquez Seijas (Vázquez Seijas 1950, 137 ss), con motivo de unas obras de reforma en casa del susodicho farmacéutico correspondiente al nº 22 de la calle Doctor Castro⁶. Los fragmentos de mosaico recuperados son dos: uno de ellos completo (de 1,55 x 1,00 m.) y otro con "agrietamientos reparables" (de 1,55 x 1,00).

³ Según consta en el "Expediente sobre el envío de un fragmento de mosaico romano descubierto en Lugo en 1842", con fecha del 13 de abril de 1850 (Real Academia de la Historia. Catálogo e Índices. Sign.: CALU/9/7960/2 (1))

⁴ Al parecer, el mosaico, o por lo menos parte de él, quedó "cubierto por grandes losas, que sí bien evitan su completa destrucción, no lo resguardan, sin embargo, de la basura ni de las aguas, cuya acción reblandece cada día más y más la parte especial sobre la cual está hecha la pintura que allí se vé" (Quinteros G. Lorenzo, 1888). En realidad parece que había una trampilla o arqueta colocada en un extremo de la calle, delante de la casa o botica, dentro de la cual se conservaba la otra parte, que permitiría contemplar el mosaico; tal y como recogen De la Rada y Delgado, 1860, 851 y Neira de Mosquera, 1850, 302.

⁵ "Oficio de remisión de una copia y una memoria acerca del fragmento del mosaico descubierto en Lugo en 1842", 13/04/1850, Real Academia de la Historia, Catálogo e Índices, Sig.: CALU/9/7960/2 (2). Dibujos, sig.: CALU/9/7960/2 (4) (5).

⁶ Inmueble que fue objeto de una excavación arqueológica en área entre 1999-2001, dirigida por el que suscribe.

Fueron trasladados al Museo Provincial de Lugo, donde pueden ser contemplados parcialmente en la actualidad⁷ (fig. 5). Ambos fragmentos se identifican con el diseño que remitió a la Real Academia de la Historia D. Antonio Neira de Mosquera.

La extracción definitiva de los fragmentos de mosaico de la calle, hoy en día conservados en el Museo Provincial de Lugo (fig. 6), debió de producirse hacia 1880, cuando se decidió acometer las obras de alcantarillado en la calle. Los fragmentos extraídos proceden de aquella zona por la que discurrían las alcantarillas; conservándose *in situ*, tal y como se pudo comprobar en la posterior intervención arqueológica de la calle, una gran parte del resto del pavimento original.

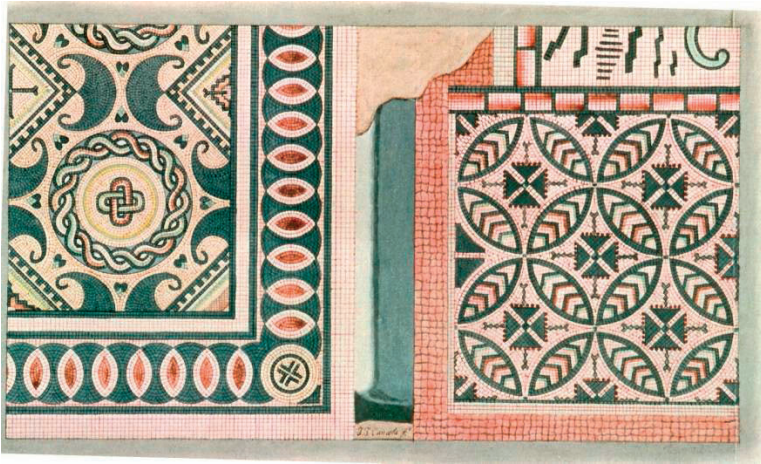


Fig. 4. Copia de los mosaicos remitida por Antonio Neira de Mosquera (Real Academia de la Historia).



Fig. 5. Fragmento de mosaico recuperado por Vázquez Seijas (Museo Provincial de Lugo).



Fig. 6. Fragmento del mosaico de Batitales (Museo Provincial de Lugo).

⁷El primer fragmento se conserva bastante completo, mientras que del segundo tan sólo conocemos algunos pequeños fragmentos.

2.2. MOSAICO DE LOS CABALLOS

El presente mosaico pavimenta una habitación rectangular de 4,60 por 12,40 m., habitación que interpretamos como una antesala del *oecus* con la función de vestíbulo o recibidor de acogida y espera al mismo tiempo que sala de distribución y comunicación con los patios porticados adyacentes al *oecus*. Su estado de conservación es bastante desigual ya que, mientras el campo geométrico presenta un grado de conservación bastante aceptable, el registro con escena figurativa del emblema apenas conserva



Fig. 7. Vista general del "Mosaico de los Caballos".

de modo muy fragmentario las figuras de dos caballos (fig. 7). Por otra parte, debemos señalar que falta un fragmento del mismo, correspondiente al campo geométrico, que fue extraído por D. Manuel Vázquez Seijas en 1950 (Vázquez Seijas 1950, 137 ss.) con motivo de las obras de reforma del local, siendo trasladado posteriormente al Museo Provincial de Lugo, donde apenas se conservan unos fragmentos. De cualquier manera, el mosaico fue parcialmente destruido por las obras de construcción de la red de alcantarillas decimonónica, que discurría bajo la calle.

El esquema decorativo se articula según una composición de motivos geométricos de círculos y cuadrados, que flanquean un emblema central con escena de caballos (fig. 8). Por su vez, toda la composición se encuentra enmarcada por una orla perimetral de círculos secantes y tangentes, que forman husos policromos y escamas con oposición de colores (DGMR 44d)⁸, entre dos listeles dobles, terminadas en las esquinas por un círculo en el cual se inscribe una florecilla con pétalos de bordes graduados en color oscuro (DGMR 4g; AIEMA 107). Al pie del umbral norte se desarrolla una composición lineal, a modo de pequeño "felpudo", consistente en una línea de florecillas con pétalos de bordes graduados en aspás, no contiguas y en color oscuro (DGMR 4j) enmarcadas por un listel doble de teselas azules oscuras. Por lo tanto, a la hora de describir el pavimento tendremos en cuenta el campo geométrico y el emblema.

⁸ Para la denominación y descripción de los diversos motivos, optamos por seguir la nomenclatura al uso en el estudio de los mosaicos, recogida en las obras de Balmelle, C. et alii, 1985 (desde ahora DGMR más lámina y letra correspondiente) y Blanchard, M. et alii, 1973 (desde ahora AIEMA más número que corresponda).

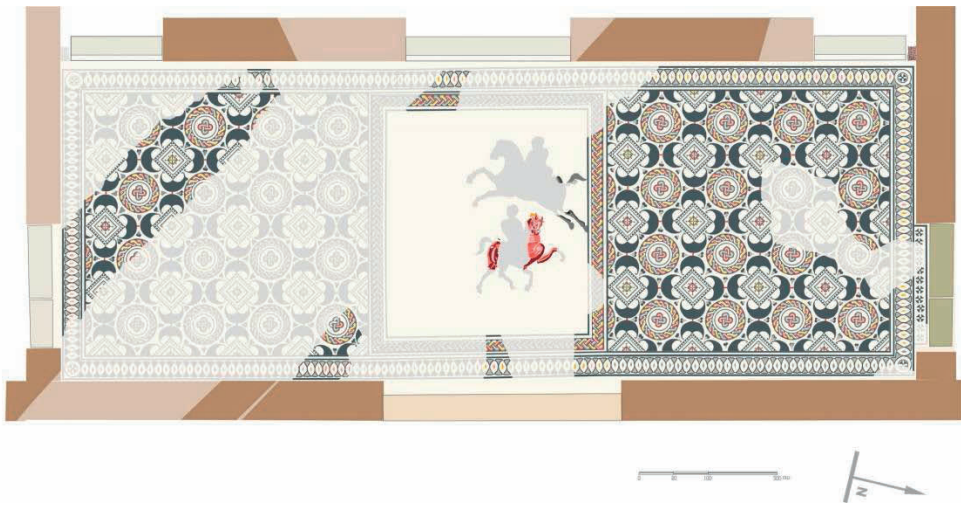


Fig. 8. Levantamiento planimétrico del “Mosaico de los Caballos”.

A. CAMPO GEOMÉTRICO

La decoración geométrica ocupa la mayor parte de la superficie y se desarrolla a ambos lados de la escena figurada del emblema. El registro geométrico presenta una decoración ortogonalmente dispuesta, de cuadrados dentellados con peltas de color oscuro en las esquinas, con flor en cruz polícroma inscrita, y de círculos, no contiguos, con trenza de dos cabos polícromos sobre fondo oscuro, con nudo de Salomón polícromo inscrito (DGMR 226D) (fig. 9). Entre ambos motivos se intercalan pequeñas hojas cordiformes bicromas como elemento de separación (AIEMA 100d). El campo geométrico está formado por un total de nueve filas de círculos y cuadrados a cada lado del emblema. Los motivos circulares se disponen en cuatro filas en cada una de las alfombras geométricas, alternando la composición de colores. El esquema de los círculos es el siguiente: una trenza de dos cabos, polícroma, con teselas rojas, ocre y grises, sobre fondo oscuro. Dentro, un listel circular de dos teselas, azul oscura y gris clara, y en el centro del círculo un nudo de Salomón polícromo, con alternancia de colores (rojos, cremas, grises, etc.). En los cuadrados, sobre fondo blanco, un marco con un filete de denticulos en cuatro teselas de color azul oscuro. Dentro, otro cuadrado con doble listel bicromo, en el centro del cual se inscribe un motivo de florecilla con cruz (AIEMA 107), en alternancia de colores rojos y ocre.



Fig. 9. Composición geométrica del “Mosaico de los Caballos”.

La alfombra geométrica se presenta como una composición de superficie isótropa, que se caracteriza por su sencillez compositiva apesar de la aparente complejidad y abigarramiento que muestran al primer golpe de vista (Regueras Grande 1991, 174). Presenta un tipo de composición que, aunque no era muy usual en la musivaria romana, aparece ya representado en Hispania desde época alto imperial hasta el siglo IV⁹. La composición se muestra como una variante del esquema a base de círculos y cuadrados, muy corrientes en la musivaria romana peninsular tardía (Fernández Galiano 1987). Los motivos que aparecen en el mosaico son muy corrientes en este tipo de composiciones a base de círculos y cuadrados. Las peltas se adecuan a los espacios intermedios, como vemos en algunos mosaicos tardíos de la Meseta¹⁰, y existe una tendencia a cubrir los pequeños espacios con otros motivos (hojas cordiformes), intentando eludir el *horror vacui*, no del gusto de la época. En Galicia, encontramos un esquema muy similar en el mosaico de Doncide (Pol, Lugo), cuya relación con el mosaico que estamos tratando, ya fue puesta en evidencia, creemos que acertadamente (Alles León 2003, 211-224).

De forma aislada, el motivo de círculo con trenza de dos cabos, así como el nudo de Salomón, son muy comunes en los mosaicos romanos de todas las épocas, pero aparecen con relativa frecuencia en la musivaria tardía hispana de la zona centro (Fernández Galiano 1984, 213).

⁹ Lo encontramos representado en una banda de enmarque del "Mosaico de los pescados" de la villa de Bazalote (Albacete) datada entre el siglo II e III d. C. (Durán Penedo 1993, 449, fig. 39), y más tardíamente, en el último cuarto del siglo IV en un mosaico de la *Villa* romana de Torres Novales (Albacete de Cinca, Huesca) (Fdez Galiano 1987, 62, lams XXVI y XXVII)

¹⁰ Alcázar de San Juan, Ciudad Real (Blázquez 1982, nº 21, fig. 17), Covas de Soria (Blázquez y Ortega 1983, nº 70, fig. 19), por citar tan solo algunos.

B. EMBLEMA

El emblema, vermiculado con pequeñas teselas, se sitúa en una posición central con respecto a toda la composición, como acostumbra a ser habitual en la musivaria romana, y frente a la puerta de entrada en el eje visual principal. Aunque se conserva de manera muy fragmentaria, podemos deducir sus dimensiones a partir de los elementos conocidos. Sus medidas serían de 3,76 m. de largo por 3,42 m. de ancho. La orla que delimita el cuadro central está formada por una trenza de tres cabos policromos sobre fondo oscuro enmarcada entre dos filetes oscuros (DGMR 72d, AIEMA 196), motivo muy típico como elemento de enmarque de los cuadros figurados.

El cuadro presenta una escena cuyo tema desconocemos, ya que tan sólo se conservan las figuras incompletas de, por lo menos, dos caballos (fig. 10). El más completo de ellos conserva la cabeza, cuartos delanteros y traseros. Se representa marchando a la derecha y en el momento de alzar la pata izquierda para simular un trote reposado. El diseño de la cabeza es de una excelente calidad técnica, según un modelado en gama de rojos, que sorprende por el realismo de los detalles. Pueden apreciarse con toda precisión los detalles anatómicos (boca entreabierta,



Fig. 10. Vestigios del emblema del "Mosaico de los Caballos".
ojos, orejas y crines de la frente), así como los arneses (bridas en negro y amarillo y penacho en rojo y ocre-amarillo). El resto del cuerpo está tratado con gamas de rojos y rosas, con sutiles alternancias en la gradación del color para señalar los pliegues anatómicos de la figura, denotando un tratamiento eminentemente pictórico en el uso del claroscuro. Parece intuirse la existencia de un jinete, sugerida, por otra parte por el gesto forzado de la cabeza, en ligero escorzo, al tirar por las bridas refrenando la potencia física del noble animal, cuya briosidad se ha pretendido reflejar en el atenuado entreabrir de la boca. Del otro caballo apenas se dibujan las dos patas traseras y la cola, resuelto en gama de grises. Su posición, marchando a la izquierda y en movimiento, parece adoptar el característico "galope volante", con las cuatro patas levantadas del suelo, que es un gesto típico de la corriente oriental en la musivaria romana bien perceptible en la península a partir del s. III d. C. (Alvarez Martínez 1997, 49). El fondo sobre el cual se desarrollan las figuras es de teselas de color blanco dispuestas en forma de escamas o abanico, característica común en ciertos mosaicos de época avanzada de Hispania y otras regiones del Mediterráneo (Guardia Pons 1992, 129).

Las figuras de los caballos pudieran estar ligadas a una escena de caza o circo, algo, que resulta difícil de determinar dado el estado fragmentario del mismo. Obviando este hecho y salvando las distancias técnicas y estéticas, la composición podría resultar comparable a algunas escenas conocidas en mosaicos que muestran representaciones cinegéticas¹¹. No obstante, detalles como los embellecimientos, plumas o palmas empenachando la cabeza son detalles propios de los corceles vencedores del circo (Guardia Pons 1992, 160)¹², aunque, de forma excepcional, los encontremos también en caballos formando parte de escenas de cacería¹³.

2.3. MOSAICO DE OCÉANO

La habitación que definimos como gran sala de recepción u *oecus*, ya que sin duda se trata de la mejor pieza de la casa, estaba pavimentada con un espléndido mosaico que abarcaba la práctica totalidad de la superficie de la estancia, incluido el intercolumnio, y siendo sus dimensiones de 12 m. de largo por 12,40 m. ancho.

En ella, la división del espacio se consigue mediante una columnata interior, resaltando su función triclinar (como sala de banquetes) mediante un pavimento de mosaico que se organiza en un conjunto de bandas y cenefas decorativas que enmarcan sucesivamente un cuadro figurado central, que da idea de la partición de aquellos ámbitos. La zona entre columnas, así como la parte dedicada a lugar de paso o circulación del servicio, se decoró con un pavimento al uso, mientras que la parte interna, reservada para los comensales, se decoraría con un mosaico de detención, que adopta el típico diseño en U o U+T. Teniendo en cuenta todo eso, seguiremos en la descripción el siguiente esquema: corredores de circulación, intercolumnios y zona central con emblema (fig. 11).

Apenas conservamos una tercera parte de este magnífico pavimento y, aunque su conservación es muy desigual, lo preservado está en excelentes condiciones. Una pequeña parte del mismo, identificada con la banda decorativa de Océano (A1), fue extraída a finales del s. XIX, exhibiéndose algunos de los fragmentos hoy en día, reunidos de forma inconexa, en el Museo Provincial de Lugo. Junto al mismo, también podemos contemplar otro fragmento procedente del interior del inmueble, recuperado por D. Manuel Vázquez Seijas en 1950. Dicho fragmento correspondería a uno de los corredores de circulación o ambulacros de la sala (A2).

¹¹ Mosaicos de la *Villa* romana de la Olmeda (Palol 1990) o de Althiburus en Africa Proconsular (Dunbabin 1978). Al respecto recordar que las representaciones cinegéticas, más allá de su sentido de exaltación y prestigio del propietario de la casa, son signo además de fortuna y buena suerte.

¹² A este tipo de adorno, que tan frecuentemente se documenta en caballos representados en mosaicos del Norte de Africa, se le atribuye un valor profiláctico ya que aluden a figuras alegóricas de Victoria que se utilizan para atraer fortuna o buena suerte (Dunbabin 1982, 83-84).

¹³ Este es el caso de un mosaico de la *Villa* romana de Cardeñajimeno (Burgos) en el que se representa una escena de cacería, con un caballo que lleva en la cabeza una palma. (López Monteagudo et alii 1988, 26) o en la *Villa* de Camarzana de Tera (panel 2 del *triclinium* con escena cinegética) (Regueras Grande 2010, 491)

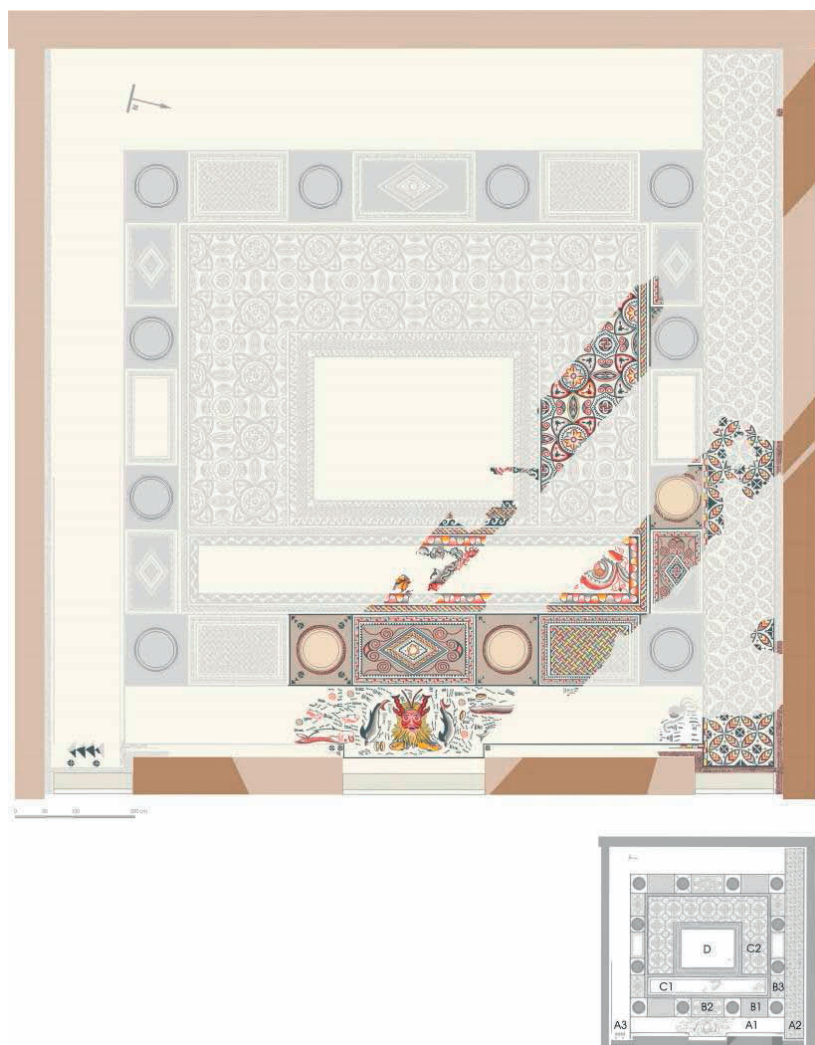


Fig. 11. Levantamiento planimétrico del “Mosaico de Océano”, con esquema e identificación de paneles.

A. CORREDORES DE CIRCULACIÓN

Conocemos a ciencia cierta la composición de las bandas A1 y A2 y un pequeño fragmento decorativo de A3¹⁴. Una franja exterior de teselas de ladrillo de 0,10 m. recorre perimetralmente todas las bandas de los corredores.

¹⁴ Este gracias a la intervención realizada por D. Francisco Herves Raigoso en el inmueble nº 13 de la calle Dr. Castro. En el mismo pudieron localizarse sendos fragmentos de mosaico, separados por un muro, ambos pertenecientes a las estancias que estamos describiendo. Uno de ellos se identificaría con el inicio del corredor del *oecus* que identificamos como A3.

A.1. Banda de Océano

La composición de esta banda es conocida por los hallazgos de 1842 y de varios dibujos de la época. Consiste en una banda de 1,20 m. de ancho en la que se describe, sobre fondo blanco, una magnífica representación de la cabeza del dios Océano rodeado de fauna marina (fig. 12). Aparece con abundante cabellera desordenada, boca cerrada, ojos de gran expresividad con las pupilas resaltadas por matices de claroscuro en tonos rojos. Surgen de sus sienas dos orejas a modo de cuernos (patas de cangrejo?) y dos apéndices o pinzas de crustáceo; del centro de la frente emergen dos antenas. De su barba se descuelgan dos peces en dirección opuesta. Flanquean la cabeza, a ambos lados, sendos delfines en posición vertical y mirando hacia el mismo lado con la cola terminada en creciente luz de luna. Completan la escena una abundante representación de la fauna marina, entre la que se reconocen algunos peces, un pulpo, moluscos (caparzones) y erizos de mar. Además parece representada el agua en movimiento de una forma muy peculiar consistente en trazos sueltos graduados y en diversas líneas cortas y paralelas terminados en un doble apéndice ("mosca de agua" o "flor de agua")¹⁵. La banda figurada aparece delimitada al exterior por línea de rectángulos fraccionados policromos, sin solución de continuidad, terminada a la altura del umbral por motivos de florecillas con pétalos de bordes graduados en color oscuro y franja de teselas de ladrillo. La representación de Océano aparece como figura dominante, centrando la composición figurada de esta banda y enfilando la puerta principal de acceso a la sala, separándose del umbral de piedra marmórea por una franja de teselas blancas.

De su estudio ya se ocuparon cualificados especialistas, que supieron ver la relación de este mosaico con otros hermosos ejemplos del área galaica, en los que también aparece representada la temática marina, con el mismo motivo del agua¹⁶. Precisamente en este tratamiento del agua es donde A. Balil vio similitudes entre todos los pavimentos de la *Gallaecia*, identificando por eso la presencia de un taller musivo itinerante, que estaría activo durante el siglo III, cubriendo el noroeste peninsular (Balil 1971, 262). En todos ellos se muestra el gusto por la representación realista de la fauna marina.

Nos interesa ahora subrayar el carácter simbólico de estos motivos, que en el caso de la cabeza de Océano, fue estudiada con profusión¹⁷. Se observa la reiteración de su figura en el conjunto de baños domésticos y públicos o bien en las piscinas, aunque tampoco resulta extraño en otras habitaciones de lujo (triclinia, *oeci* ...). Al respecto, la imagen de Océano adquiriría un carácter apotropaico, como figura de la abundancia o divinidad local protectora¹⁸. En este sentido, su situación como umbral de entrada a la sala del *oecus* parece perfectamente adecuada al sentido mencionado. Pero al margen de las connotaciones profilácticas o de riqueza de acuerdo con la creencia en que los peces preservaban la

¹⁵ Término empleado por Balil (1971) para describir dichos rasgos, que permitió al autor identificar la existencia de un taller musivo itinerante en el noroeste.

¹⁶ Acuña Castroviejo, F. (1973 y 2013), citando entre otros ejemplos: A Cigarrosa (Ourense), Panxón (Pontevedra), Parada de Outeiro (Ourense) y Braga.

¹⁷ Con abundantes referencias en Guardia Pons 1992, 298-310; Díez del Corral Corredoira 2004, 35-56.

¹⁸ Sobre el valor apotropaico de la cabeza de *Océano*: Foucher 1963, 151 ss.

vivienda de influencias nefastas y eran símbolo de abundancia (Guardia Pons 1992, 231) y al margen del valor puramente ornamental que pueden tener muchas de estas representaciones, se entiende también la oportunidad decorativa de estos temas que, en determinados ambientes, pueden cumplir la función de recuerdo y prolongación del lujo de la mesa.

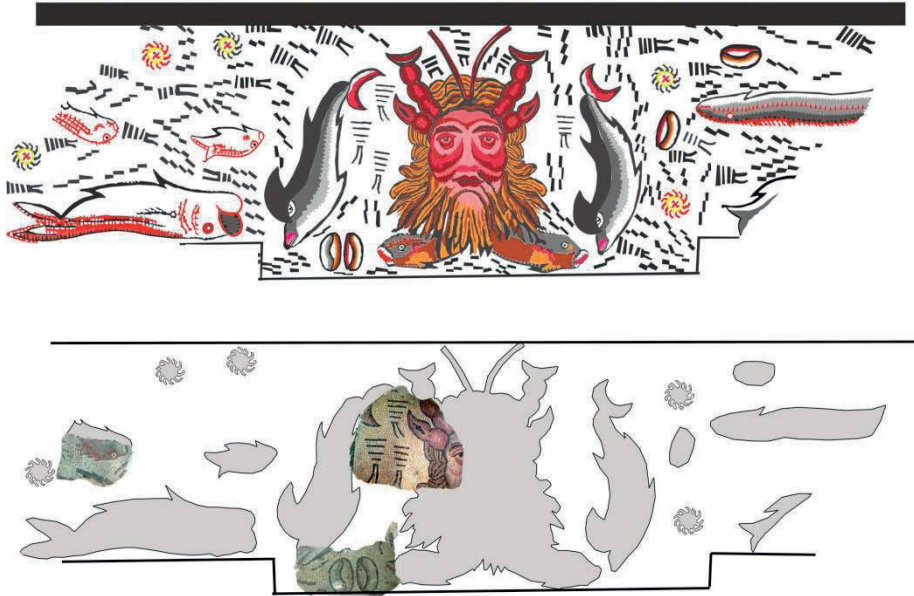


Fig. 12. Banda con la cabeza de Océano y reintegración de los fragmentos conservados.

A.2. Banda de círculos secantes

Composición ortogonal de círculos secantes (dejando entrever cuadripétalos y formando cuadrados cóncavos) con teselas en los puntos de tangencia (DGMR 238f, 239d; AIEMA 437) (fig. 13). Los cuadripétalos tienen un rayado en espina, policromo, en los husos y los cuadrados cóncavos incluyen una florecilla con pétalos de bordes graduados en cruz compleja. La composición aparece delimitada por una línea de rectángulos fraccionados y policromos (AIEMA 169) en su confluencia con el espacio de los intercolumnios. En el exterior de la banda, línea de tres teselas grises y bordura perimetral de gruesas teselas de ladrillo. Toda la banda decorativa se extiende en un ancho de 1,37 m.

Esta composición de esquema geométrico posee una larga y persistente presencia en el mosaico romano desde época republicana hasta el Bajo Imperio. En sus diferentes variantes este motivo decorativo aparece frecuentemente en pavimentos que decoran corredores.

A3. Pese al poco que sabemos de esta composición, conocemos, por lo menos, la existencia de un motivo de línea de espigas rectilíneas cortas en oposición de colores (DGMR 11d,

AIEMA 159) acompañada de dos florecillas con pétalos de perfiles graduados. Creemos que el resto de la composición sería de desarrollo continuo, probablemente de carácter geométrico, como es común a estas zonas de paso.

B. INTERCOLUMNIOS

Conocemos la composición de, por lo menos, tres de los rectángulos que decoraban los espacios de los intercolumnios (fig. 14). Los motivos B1 y B3 los identificamos a través de los espléndidos dibujos del "mosaico de Batitales", unos de los cuales (B1) pudimos corroborar en excavación, juntamente con el perteneciente a B3. Comparativamente, B2 y B3 son prácticamente iguales, con la excepción de algunos detalles en la composición del rombo inscrito¹⁹. No conociendo otras composiciones, tenemos que imaginar que dichos motivos se dispondrían de forma alternativa entre los diferentes intercolumnios que configuran la sala.



Fig. 13. Banda con decoración de círculos secantes.



Fig. 14. Bandas con decoración de los espacios de los intercolumnios y de motivos vegetales.

¹⁹ Pudiera tratarse también de un error en la interpretación del dibujo por parte de los autores de los mismos. Errores que pudimos apreciar en otras zonas de los dibujos, como en la propia escena de Océano o en la decoración de los plintos de las columnas.

B1. Panel trenzado

Rectángulo de 1,68 m. por 1,17 m., ribeteado con un filete negro exterior y cenefa de meandro o greca fraccionada con fracciones biseladas dentelladas, imbricadas, policromas (DGMR 32j, AIEMA 247) y filete denticulado. En el interior se desarrolla un brillante trenzado policromo (DGMR 140e), con filete negro y tonos rojos, ocre, grises y blancos.

Este es un motivo relativamente frecuente en todas las épocas. Como composición de superficie, aparece en la *Villa* de Cardeñajimeno (Burgos), de fines del siglo IV d. C. (López Monteagudo et alii, 1998, 20, láms. 6 e 34). Hallamos otros paralelos en Hispania en los mosaicos de la *Villa* romana de Liédana (Navarra) (Blázquez y Mezquíriz 1985, nº 26, lám. 31) y de la *Villa* de Bazalote (Albacete) (Blázquez y López Monteagudo et alii, 1989, nº 30, fig. 7, láms. 11-12) con una cronología también en el siglo IV d. C.

B2. Panel con rombo inscrito

Rectángulo de 2,09 m. por 1,17 m. ribeteado con un filete negro exterior y, al interior, cenefa de meandro o greca fraccionada policroma con fracciones biseladas dentelladas, imbricadas y filete denticulado. Dentro, se inscribe un rombo con peltas verticales de volutas evolucionadas, afrontadas a cada lado (DGMR 59b. En el interior del rombo se inscriben otros formados por una trenza de dos cabos y uno liso que encierra un lazo de seis bucles.

B3. Panel con rombo inscrito

Rectángulo de 1,41 m. por 0,87 m., ribeteado con un filete negro exterior y, al interior, cenefa de meandro o greca fraccionada con fracciones biseladas dentelladas, imbricadas, policromas. Dentro, sobre fondo oscuro, se inscribe un rombo con peltas verticales, con volutas evolucionadas y roleos, afrontadas a cada lado. En el interior del rombo se inscriben otros formados por una cenefa de meandro o greca fraccionada policroma, con fracciones abiseladas dentelladas, imbricadas, y por un filete denticulado, que encierra en su interior un nudo de Salomón policromo.

El tema de los rombos entre peltas es una composición muy frecuente en la musivaria romana (Blanco 1978, lám. 24B). Una composición similar, con variedad en los motivos, podemos encontrarla en un mosaico de Córdoba (Blázquez 1981, lám. 22), de la segunda mitad del s.IV., formando parte de una banda decorativa. Por otra parte, su composición también puede relacionarse con las imitaciones de *crustae* marmóreas en mosaico (Abad Casal 1977-78, 204).

A falta de otros elementos, la composición de los intercolumnios se completaría con la decoración de los cuadrados en que se inscriben las basas. Aunque advertimos algunos matices diferenciadores entre cierto motivos, el esquema básico para todos ellos es el siguiente: un cuadrado ribeteado por un filete negro, en el interior del cual, y sobre fondo gris, se dispone una serie de florones y medio florones afrontados en las esquinas. Una doble fila de teselas de ladrillo de 2 cms. bordea la basa.

C. ZONA CENTRAL

Esta es la zona menos conocida, por cuanto apenas se conservan fragmentos de la decoración de las bandas C1 y de C2, esta última la más completa. Desconocemos totalmente la escena figurada del cuadro central ya que se desenvuelve bajo los inmuebles de la calle situados al sur. Del mismo tan sólo podemos reconstruir las cenefas que configuran el marco de encuadre.

Teniendo en cuenta que se trata, aparentemente, de un esquema simétrico, sus dimensiones debieron ser de 6,60 m. de largo por 7,90 m. de ancho. El esquema de la composición parece adoptar una disposición en U + T característica de los triclinios (AIEMA 561).

El cuadriculado de las bandas y sus intersecciones se decora con una cenefa de trenza de dos cabos, policroma, que enmarca el campo particular de cada banda decorativa, siendo este uno de los motivos geométricos más empleados por los musivarios romanos.

C1. Banda figurada con motivos vegetales y animales, de 7,80 m. de largo por 1,20 m. de ancho. Se compone de una cenefa de ola con fondo en degradado horizontal policromo (DGMR 60e, AIEMA 217). Dentro, campo figurado con motivos vegetales de guirnaldas de hojas de acanto pobladas con figuras de animales, entre las cuales se observa un bóvido (toro?) y un león, situados, bien fuera o dentro de un roleo de acanto (fig. 15). Creemos que también pertenecerían a esta faja los fragmentos desaparecidos en el momento del hallazgo de este mosaico en 1842, cuya decoración consistía en "un esbelto y elegante ciervo saliendo a la carrera de una hoja de acanto", del cual también se podía ver "la parte anterior de un tigre en acción de saltar sobre una hoja de acanto"²⁰. El diseño de las hojas de acanto se realiza con teselas de 1 cm., mientras que las figuras del león y el bóvido están hechas con pequeñas teselas de menos de 50 cm. Las hojas de acanto, perfiladas con un ribete negro, fueron ejecutadas con gran naturalismo y plasticidad, reflejando la carnosidad de las formas vegetales, de perfiles redondeados. Para eso se recurrió a una paleta con gradaciones de color, en gama de rojos, grises y cremas. Las hojas terminan con unos zarcillos en cuyos extremos se representan brotes, o bien varias líneas paralelas, algo curvadas, terminadas en un doble apéndice perpendicular igual que el utilizado en otros mosaicos para simular el movimiento vegetal. Llama la atención la semejanza de este motivo con el empleado en la franja de Océano para representar el movimiento del agua (Torres Carro, 1988,188).

El león aparece de medio cuerpo, en posición frontal y dentro de un roleo de acanto (fig. 16). Toda la figura está perfilada con una línea de teselas en azul oscuro. Resulta poco usual la posición frontal de la fiera, mirando al espectador ya que normalmente se representan de perfil o en forzados escorzos. Por eso, encontramos pocos paralelos a esta actitud. Eso significa, sin duda, un alarde de virtuosismo técnico por parte del artista, buen conocedor de la fisonomía del animal. A pesar de sus exiguas dimensiones, sus facciones están conseguidas con gran realismo, tanto en la composición de su rostro como en las greñas de su gran melena, que cubren prácticamente todo el cuerpo, ejecutadas en color ocre-amarilla. Su expresión y semblante, pausado y tranquilo, denota la serenidad de sus

²⁰ Vide supra nota 2.

instintos salvajes. La figura del bóvido está representada de cuerpo entero, en posición de parada, con la cabeza agachada y el rabo en escorzo. En su composición se emplea una gama de rojos, cuyas gradaciones y claroscuros resaltan la anatomía del animal. Ambas figuras se disponen en sentido diverso, y por eso creemos que el resto de las figuras de animales que componían el cuadro se colocaban de igual manera a lo largo de la escena, por lo que no existiría una única dirección de lectura.



Fig. 15. Banda con decoración de motivos vegetales y animales.

La composición de prótomos (cabezas de animales) o figuras enteras de animales, acompañados de guirnaldas de hojas de acanto, como elementos ornamentales de bandas y cenefas, no son desconocidas en la musivaria hispano-romana, según podemos apreciar en el mosaico de la villa romana de Dueñas (Palencia) (Palol 1963), datado a mediados del s. IV; Hellín (Albacete) (Ramallo y Jordan 1985, figs. 57-64), en la primera mitad del s. III d. C., o en la *Villa de Cardeñajimeno* (Burgos)²¹, de finales del s. IV. Se trata de motivos decorativos bien testimoniados en pavimentos de varias regiones del Imperio con una amplia cronología, como en los mosaicos del Norte



Fig. 16. Detalle con la figura de un león y motivos vegetales.

²¹ Mosaico de Atalante e Meleagro (López Monteagudo et alii 1998).

de Africa²² o Siria²³. Suele tratarse de representaciones de fieras del anfiteatro, que pueden acompañar escenas dionisiacas, de caza, etc.

C2. Composición florida en cuadrilado de círculos y de husos dentados tangentes, los círculos flanqueados de ojivas, dejando entrever cruces fusiformes y los intervalos en cruces de Malta recargadas con un octógono curvilíneo inscrito (DGMR 151f) (fig. 17). El esquema de los círculos es el siguiente: sobre fondo blanco listel circular denticulado en color oscuro. En el centro de la circunferencia un motivo floral



Fig. 17. Panel con decoración de composición florida.

consistente en un florón de cuatro pétalos y pistilos, policromo, alternando en color. Flanqueando el círculo, cuatro ojivas policromas, en alternancia de colores formadas con motivos de medios acantos con reflejos blancos. En los octógonos curvilíneos, sobre fondo blanco, se inscribe otro octógono curvilíneo denticulado. En el centro, nudo de Salomón policromo, sobre fondo oscuro; los octógonos arrinconados por cuatro peltas bícromas con volutas evolucionadas. Con relación a los husos, el motivo que se inscribe en ellos es siempre el mismo: sobre fondo oscuro, florones longuiformes (?) en color claro.

Se trata de una composición que obedece a un estricto esquema geométrico en el que se utilizan motivos vegetales variados y que debemos relacionar con la serie de mosaicos florales de Timgad (Argelia), donde encontramos la misma composición (Germain 1969, 82, fig. 103). Dichos mosaicos se caracterizan por el uso recurrente de los racimos (?) de medio acanto, a partir del cual se realizan la mayoría de las composiciones florales que encontramos en Timgad y que al parecer pertenecen a un mismo taller de principios del siglo III d. C. probablemente (Germain 1969, 85).

D. EMBLEMA

Del mismo tan sólo conocemos la composición de la orla que delimita el cuadro central. El marco se compone de: par de líneas de postas afrontadas con enrollado sencillo (DGMR 101b), en medio de las cuales se dispone una trenza de cuatro cabos, policroma, sobre fondo oscuro. Al interior, apenas se intuye un fragmento de motivo figurado en *opus vermiculatum* (?). Suele ser habitual encontrar este tipo de composición, con líneas de

²² Casa de la Procesión Dionisiaca, en Thysdrus, de mediados del siglo II d.C. (Foucher 1963).

²³ Museo de Souweida, proveniente de Shahba-Philippolis, de mediados del siglo III d.C. (Balty 1977, 24-25).

postas afrontadas, bien solas o en combinación, alternando con otros motivos, como enmarque de los cuadros centrales.

En la esquina del marco se observa una pequeña restauración del pavimento consistente en un mortero de polvo de ladrillo (*signinum*)²⁴.

3. CONSIDERACIONES FINALES

Con relación al programa decorativo de esta domus, debemos destacar los excelentes pavimentos musivos de las salas del *oecus* y su antesala (fig. 18). Los mosaicos se encuentran en un estado de conservación bastante aceptable. El denominado “Mosaico de los Caballos” no parece ofrecer dudas en cuanto a su composición, formada por un campo geométrico policromo en el que se intercala, en la parte central de la estancia, una escena figurada de más difícil interpretación. En cuanto al “Mosaico de Océano”, su composición es menos conocida, por cuanto conservamos tan sólo algunas de las bandas y cenefas decorativas que enmarcarían sucesivamente un cuadro figurado central, del cual desconocemos la escena representada. La propuesta de restitución que hacemos de la composición, a todas luces hipotética, adoptaría el típico diseño en U o U+T, habitual en los triclinios o en las grandes salas de recepción, y viene sugerida por la disposición de los restos conservados. A falta de una investigación más pormenorizada -y aunque pueda resultar prematuro aventurar alguna conclusión al respecto-, nos parece que ambas composiciones musivas responderían a un mismo programa de obra, en el que los mosaicistas que intervinieron pudieron ser muy bien los mismos. Ciertas similitudes en la disposición y utilización de las teselas, empleo de colores, repetición de motivos y tratamiento de las figuras parecen sugerirlo. Advertimos también varias influencias o referentes estilísticos -concretamente, de los mosaicistas del Norte de África-, ya que son patentes las semejanzas de cierto patronos iconográficos y esquemas compositivos, en particular con la serie de mosaicos florales de Timgad (Túnez), donde este tipo de decoración parece que estuvo de moda en pleno siglo III d. C.; incluso también del mediterráneo oriental, si consideramos la actitud del galope volante aparentemente presente en la figura de uno de los caballos del primer pavimento, y el tratamiento pictórico de las figuras.

²⁴ Similar procedimiento lo encontramos en un mosaico de la calle Holguín (Mérida) (Alvarez Martínez 1990, 82-83)

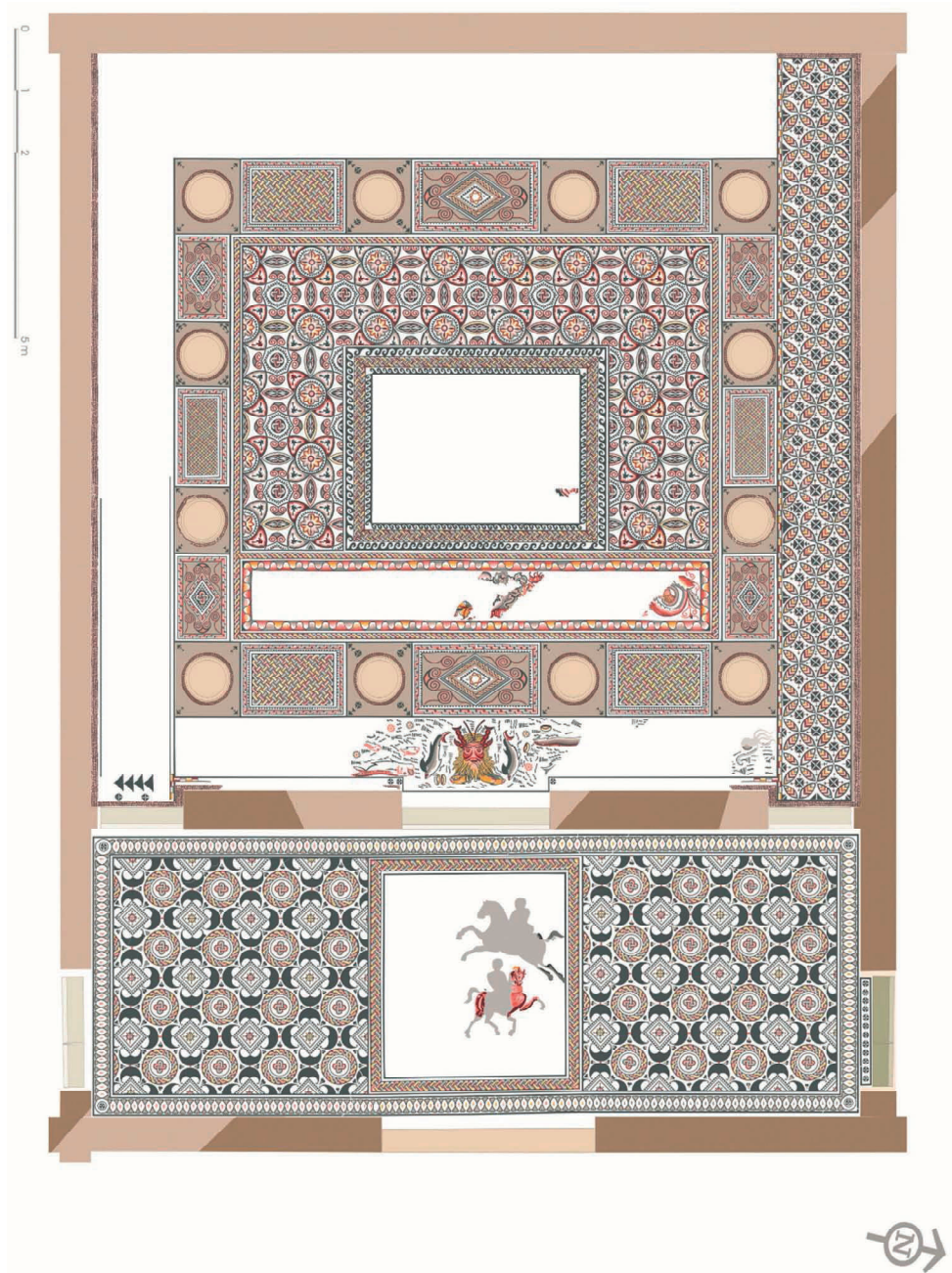


Fig. 18. Restitución hipotética de los mosaicos del *oecus* y su antessala.

BIBLIOGRAFÍA

- ABAD CASAL, L. 1977-78: “Las imitaciones de *crustae* en la pintura mural romana”, *Archivo Español de Arqueología* 50-51, 189-208.
- ACUÑA CASTROVIEJO, F. 1973: *Mosaicos romanos de Hispania Citerior II: Conventus Lucensis*, Studia Archeologica, Santiago-Valladolid.
- ACUÑA CASTROVIEJO, F. 2013: “De novo sobre o Mosaico de Panxón e outras novas sobre a Musivaria na *Gallaecia*”, Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património XII, 143-157
- ALLES LEÓN, M^a J. 2003: “El mosaico de Doncide”, *Gallaecia* 22, 211-224.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M^a. 1990: *Mosaicos Romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*, Monografías Emeritenses 4, Mérida.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M^a. 1997: “La influencia africana en el mosaico hispanorromano: algunas consideraciones”, *Anas* 10, 39-50.
- ARMESTO, F.J. y Arnau, A.L. 1843: *Apuntes concernientes al vestigio romano descubierto en la calle de Batitales de la ciudad de Lugo*, Lugo.
- BALIL, A.1975: “Sobre los mosaicos romanos de Galicia: identificación de un taller musivario”, *La mosaïque greco-romaine* II, Vienne 1971, París, 259-263.
- BALMELLE, C., Blanchard-Lemee, M., Christophe, J., Darmon, J.P., Guimier-Sorbets, A., Lavagne, H., Prudhomme, R. y Stern, H. 1985 : *Le décor géométrique de la Mosaïque Romaine*, París.
- BALSA DE LA VEGA, R.1914: “Lugo romano”, *Boletín de la Real Academia Gallega* VII, 58 ss.
- BALTY, J., 1977: *Mosaïques antiques de Syrie*, Bruselas.
- BLANCHARD, M., Christophe, J., Darmon, J.P., Lavagne, H., Prudhomme, R. y Stern, H. 1973 : *Repertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque romaine*, *Bulletin de l'Association Internationale por l'étude de la Mosaïque Antique (AIEMA)*, fasc. 4, París.
- BLANCO, A. 1978: *Mosaicos Romanos de Mérida*, Corpus de Mosaicos Romanos de España I, Madrid.
- BLÁZQUEZ, J.M. 1981: *Mosaicos Romanos de Córdoba, Jaen y Málaga*, Corpus de Mosaicos Romanos de España III, Madrid.
- BLÁZQUEZ, J.M. 1982: *Mosaicos romanos de la Real Academia de la Historia, Ciudad Real, Toledo, Madrid y Cuenca*, Corpus de Mosaicos Romanos de España V, Madrid.
- BLÁZQUEZ, J.M. y Ortega, T. 1983: *Mosaicos romanos de Soria*, Corpus de Mosaicos Romanos de España VI, Madrid.
- BLÁZQUEZ, J.M. y Mezquíriz, M.A. 1985: *Mosaicos Romanos de Navarra*, Corpus de Mosaicos Romanos de España VII, Madrid.
- BLÁZQUEZ, J.M., López Monteagudo, G. et alii 1989: *Mosaicos Romanos de Lérida y Albacete*, Corpus de Mosaicos Romanos de España VIII, Madrid.
- DE LA RADA DELGADO, J. de Dios.1860: “Mosaico encontrado en la calle de Batitales de la ciudad de Lugo”, Apéndice del libro *Viaje de SS.MM. y AA. por Castilla, León, Asturias y Galicia verificado en el verano de 1858*, Madrid.

- DUNDABIN, K.M.D. 1978 : *The Mosaics of Roman North Africa. Studies in Iconography and patronage*, Oxford.
- DUNDABIN., K.M.D. 1982: "The Victorias Charioteer on Mosaics and related Monuments", *American Journal of Archeology* 86, nº 1, 817-858.
- DURÁN PENEDO, M. 1993: *Iconografía de los Mosaicos Romanos en la Hispania alto-imperial*, Barcelona.
- FERNÁNDEZ GALIANO, D. 1984: *Complutum II. Mosaicos*, Excavaciones Arqueológicas en España, Madrid.
- FERNÁNDEZ GALIANO, D. 1987: *Mosaicos romanos del Convento Caesaraugustano*, Zaragoza.
- FOUCHER, L. 1963: *La Maison de la Procesión Dionysiaque a El Jem*, Université de Tunis. XI, París.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E. 2005 : *Domus Oceani. Aproximación á arquitectura doméstica de Lucus Augusti*, Trabajos de Arqueoloxía 2, Lugo.
- GERMAIN, S. 1969 : *Les Mosaïques de Timgad*, París.
- GUARDIA PONS, M.1992: *Los mosaicos de la Antigüedad tardía en Hispania. Estudios de Iconografía*, Barcelona.
- LÓPEZ MONTEAGUDO, G. et alii. 1998: *Mosaicos romanos de Burgos*, Corpus Mosaicos Romanos de España XII, Madrid.
- NEIRA DE MOSQUERA, A. 1850: "Mosaico romano de Lugo", *Semanario Pintoresco Español*, Lugo.
- PALOL, P. 1963: "El mosaico de tema oceánico de la villa de Dueñas (Palencia)", *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología* XXIX, 5-34.
- PALOL, P. 1990: *La villa romana de La Olmeda de Pedrosa de la Vega (Palencia)*. Guía de las excavaciones, Palencia.
- QUINTEROS G. L. 1888: "Apuntes sobre Lugo", *Galicia Diplomática* III, nº 16.
- RAMALLO ASENSIO, S. y Jordán Montes, J.F. 1985: *La villa romana de Hellín (Albacete)*, Valencia.
- REGUERAS GRANDE, F. 1991: "Consideraciones sobre los mosaicos de la provincia de Zamora", *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología* LVII, 163-177.
- REGUERAS GRANDE; F. 2010: "Mosaicos de la Villa Astur-Romana de Camarzana de Tera (Zamora)", *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie II, Historia Antigua 23, 477-525.
- TEIJEIRO Y SANFIZ. B. 1888: *Ligeros apuntes sobre la importancia de la ciudad de Lugo durante la dominación romana*, Lugo.
- TORRES CARRO, M. 1988: "Los mosaicos de la villa de Prado (Valladolid)", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 54, 175-218.
- VILAMIL Y CASTRO, J. 1890: "Lugo romana", *Rev. Arch.* IV, 77 ss.
- VILLAMIL Y CASTRO, J. 1896: *La Muralla y otras antigüedades*, Lugo.
- VÁZQUEZ SEIJAS, M. 1939: *Lugo bajo el imperio romano*, Lugo.
- VÁZQUEZ SEIJAS, M. 1950: "Restos de un mosaico romano", *Boletín Comisión Provincial de Monumentos de Lugo* IV, 137 ss.